

Como escrever cidades

EM 2016, INICIAMOS NO POLO DE PESQUISAS LUSO-BRASILEIRAS – PPLB, sediado no Real Gabinete Português de Leitura, o projeto Páginas Paisagens Luso-Brasileiras em Movimento, com acesso livre a todos que se interessam pelas literaturas de língua portuguesa e pelos estudos contemporâneos de paisagem.¹ Para seu início, contamos com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), em Lisboa, o que permitiu a criação da plataforma por um grupo interdisciplinar de pesquisadores (Letras, História e Turismo), que executam o projeto a partir de suas universidades, como a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de parcerias com colaboradores de outras instituições brasileiras e estrangeiras. A Fundação Calouste Gulbenkian apoiou ainda, em 2019, a publicação, pela editora da Universidade Federal Fluminense, a Eduff, do livro intitulado *Páginas paisagens luso-brasileiras: estudos literários*, com organização de Ida Alves, visando à “discussão sobre a relação paisagem e subjetividade, cultura e memória, numa concepção interdisciplinar característica de nossa atualidade”.² São 18 estudos sobre obras literárias brasileiras e portuguesas, desde a Idade Média até o século xx. A publicação desses trabalhos ampliava, com ponto de vista teórico e analítico mais desenvolvido, o que se ia publicando na plataforma eletrônica, cujos textos assumem outra dicção, mais próxima do leitor não especialista.

1 O projeto pode ser conhecido em <http://www.paginasmovimento.com.br/>

2 Cf. ALVES, Ida (org.). *Páginas paisagens luso-brasileiras: estudos literários*. Niterói: Eduff, 2019, p. 10.

O objetivo geral desse projeto, em sua primeira fase, é reunir apresentações de diferentes obras literárias de autores brasileiros e portugueses, destacando como eixo de abordagem as paisagens escritas/inscritas nessas obras. Numa futura segunda fase do projeto, serão incluídas também obras de autores africanos de expressão portuguesa, tornando-se “Páginas Luso-Afro-Brasileiras em Movimento”. O acervo de obras reunidas, de escritores de diferentes épocas, forma uma biblioteca em movimento que o leitor pode acessar como desejar. Também professores de diferentes disciplinas, sobretudo do ensino médio, podem utilizar esse acervo eletrônico, fartamente acompanhado de imagens, como motivação para atividades criativas ou de estudo sobre determinados conteúdos a partir de textos literários.

Desde 2018, agora com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj, em projeto aprovado na seleção do Edital Cientista do Nosso Estado (2018–2021),³ focalizamos as cidades do Rio de Janeiro e Lisboa e seus escritores. Se, no espaço virtual, os textos – “páginas em movimento” – procuram captar a atenção do leitor com uma espécie de deambulação sedutora por determinadas obras literárias, transitando do texto literário para imagens das paisagens ali criativamente observadas, propomos, em uma série de três livros intitulada *Paisagens em movimento: Rio de Janeiro e Lisboa, cidades literárias*, cujo primeiro é este aqui apresentado, estudos mais detalhados sobre como se escrevem na prosa ficcional ou documental e na poesia, brasileiras ou portuguesas, essas duas cidades tão ligadas pela história e pela língua.

Há muitas formas de se relacionar com uma cidade, com diferentes percepções de seu espaço, sua gente e seu imaginário. As perspectivas sobre uma cidade, paisagem urbana simples ou mais complexa, variam infinitamente de acordo com as condições do sujeito que a olha: se a pessoa é natural daquele lugar, migrante ou turista; o ponto de onde se olha e os variados deslocamentos traçados na malha urbana; o período histórico-cultural em que isso se dá e as diversas percepções do observador, constituído por traços singulares, como posição social, gênero, cor, orientação sexual etc. Todas essas nuances podem fazer com que uma cidade seja tão múltipla quanto todos aqueles que a observam. Compreendemos bem como, à luz de diferentes abordagens disciplinares, a paisagem urbana é um “sistema de significação”, “objeto de interpretações”, com a “pluralidade de

3 Referente ao processo n. E-26/202.851/2018.

suas dimensões”:⁴ é patrimônio e memória, uma geografia íntima e coletiva, um espaço de sociabilidade, uma estética da vida partilhada, um lugar de conhecimento e de poder, mas também labirinto, deserto e passagens. Essas experiências podem ser pensadas e questionadas nos diferentes modos como certas cidades são recriadas nos textos literários. A própria eleição de uma cidade e, dentro dela, de determinados espaços gera sentidos diferentes e demanda interpretações singulares. Algumas são recorrentemente elencadas por escritores e escritoras em suas obras, tornando-se cidades literárias por excelência. Imersos na tradição estética ocidental, estamos muito habituados a pensar artisticamente em Paris, Londres, Nova York, Dublin, Roma, mas precisamos também deslocar nossa atenção para cidades fora desse eixo, e isso, no âmbito do mundo que fala português, significa ir ao encontro de duas cidades que marcam de forma muito particular um imaginário transatlântico: Rio de Janeiro e Lisboa.

Por isso, os ensaios que compõem a série de três livros são justamente dedicados a analisar como essas duas cidades se fazem presentes nas obras de alguns escritores portugueses e brasileiros do século XIX à contemporaneidade, num diálogo múltiplo, diverso. Esse conjunto reflete também as diferentes abordagens metodológicas e teóricas sobre a relação entre literatura e paisagem, ou entre texto e geograficidade, ou entre escrita literária e outros saberes sobre ocupação e habitação de espaços. Apesar da diferença de análises, da diversidade de pressupostos teóricos e críticos de pesquisadores dos dois lados do Atlântico que estudam obras oitocentistas, novecentistas e contemporâneas, o olhar atento sobre as duas cidades, seja do sujeito poético, seja do narrador ou de uma ou outra personagem, liga todos os capítulos deste livro, articulando-se páginas e paisagens. O olhar, percebido e analisado em distintos textos literários sob as mais variadas perspectivas, faz ressaltar o ponto de vista sobre a cidade: se fixo ou deambulatório; se íntimo, por uma janela; ou público, em ruas, praças e subúrbios; com a utilização de técnicas modernas ou contemporâneas de visualidade ou por meios de transporte que cruzam seus bairros, sua realidade espacial; muitas vezes, desde a memória individual ou coletiva, na tentativa de dar conta das transformações urbanas, políticas e sociais. As diferentes visões sobre Rio de Janeiro e Lisboa revelam não apenas paisagens urbanas híbridas, mas também as pessoas que nelas vivem e as configuram no cotidiano e nos afetos.

4 Indicamos aos interessados a leitura de SANSON, Pascal (dir.). *Le paysage urbain: représentations, significations, communication*. Paris: L'Harmattan, 2007. E também de PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas* [1996]. São Paulo: Senac, 2004. 3ª. ed. revista e ampliada.

Em parte dos estudos aqui reunidos, o Rio de Janeiro se revela uma cidade em constante transformação. Andreia Alves Monteiro de Castro, ao relacionar os crimes noticiados na imprensa periódica com os romances oitocentistas, analisa como Aluísio Azevedo apresenta a natureza carioca, ao mesmo tempo majestosa e ameaçadora, e opta, muitas vezes, por olhar para determinados espaços da cidade relacionados à criminalidade e a sensações, inclusive destacando a semântica erótica na descrição da paisagem carioca. Claudete Daflon, por sua vez, revela a importância dos jardins na história da urbanização carioca e detém sua análise no modo como o Passeio Público, incluindo as transformações e reformas que sofreu ao longo do tempo, é focalizado nas crônicas de Olavo Bilac, Gonzaga Duque, Joaquim Manuel de Macedo e Mário Pederneiras. Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo destaca o impacto dos transportes para novas experiências urbanas dinâmicas, como bondes, automóveis, além da experiência de multidões, afetando o olhar e as subjetividades na obra literária de Lima Barreto e na plástica de Gustavo Dall'Ara, os quais escolheram acentuar a mobilidade das sensações com a valorização de aspectos inconstantes da cidade. Marta de Senna, pesquisadora incansável da obra de Machado de Assis, explicita os limites do Rio de Janeiro machadiano e demonstra que os espaços dos contos e dos romances são diferentes, além de destacar como as partes da cidade onde vivem os personagens ajudam a localizá-los socialmente numa crítica à distribuição dos habitantes na realidade urbana. Analisa ainda como Machado elege o morro do Castelo como lugar onde a cidade se funde e se confunde. Já Paulo Teixeira, partindo da ideia de simultaneidade entrelaçada do social, do histórico e do espacial no palimpsesto urbano, mostra o papel da memória como resposta criativa para a nostalgia e como resistência política na metrópole carioca tão presente nas narrativas de Rubem Fonseca. Ao fechar esses estudos sobre a cidade maravilhosa, Marcello de Barros Tomé Machado analisa, valendo-se de livros e periódicos do final do século XIX ao início do século XX, como o Rio de Janeiro, que era considerado insalubre, se tornou um dos principais centros turísticos receptivos da modernidade, com destaque para a relevância das transformações urbanísticas então realizadas.

Do outro lado do Atlântico, Lisboa, mais do que lugar de habitação, é literariamente incontornável metonímia para Portugal. Jerónimo Pizarro, ativo Pessoa em nossa contemporaneidade, ao se deter numa edição crítica do *Livro do desassossego*, percebe dois livros distintos: no primeiro, os estados de alma são descritos num paisagismo vago, enquanto, no segundo, os sentimentos são associados a cenários geograficamente localizados em Lisboa, então descoberta, superando uma fase decadentista que marca a primeira parte.

Com base na ideia de uma “estética das janelas”, Mônica Genelhu Fagundes analisa, em *Nome de guerra*, de Almada Negreiros, como Lisboa, inicialmente espaço quase anulado, ganha sentido até se configurar como paisagem vista da janela no processo de formação do protagonista, que dali abarcava também o país e sua história. Eduardo da Cruz segue o olhar novo sobre a cidade e a banalidade do cotidiano na poesia de Irene Lisboa de *Um dia e outro dia...: diário de uma mulher*, destacando como a paisagem urbana é marcada por pequenas coisas surpreendentes e por algum homoerotismo na observação dos corpos femininos. Já Jorge Vicente Valentim, ao observar Lisboa a partir da ideia de imaginar um bairro ficcional como representação do país, discute o romance *Anoiteceu no bairro*, de Natália Correia, relacionando-o com a obra madura da autora e com a estética neorrealista, para perceber, nessa narrativa, como a rua se constitui em espaço marcado pela decomposição trágica de seus habitantes, num olhar sobre a cidade que não exclui as marginalidades. Já Márcia Manir Miguel Feitosa destaca a opção de Mário de Carvalho por um descortinar criativo de um beco ficcional entre Alfama e Mouraria como alegoria para diversos casos particulares que refletem formas de se relacionar com o mundo. Encerrando a percepção da cidade de Lisboa, Teresa Martins Marques parte de diversos olhares estrangeiros sobre ela para demonstrar como propicia vários arquétipos na obra de José Rodrigues Miguéis, com ênfase no processo de olhar/mostrar o passado simultaneamente como era e como o autor queria ver em seu tempo, entre o movimento da Primeira República e a agitação amordaçada do regime que a seguiu, a partir da Avenida de *Saudades para a Dona Genciana*.

Na parte final do livro, Rio e Lisboa surgem relacionadas ou comparadas em três ensaios. Renata Ribeiro Lima, valendo-se das cartas de Gonçalves Dias, demonstra como a experiência com as paisagens dessas duas cidades se dá em relação a São Luís, vista como espaço afetivo, enquanto as anteriores, locais de desenvolvimento e de aventuras, são percebidas pelo sujeito, que se sente exilado por elas não serem sua cidade natal. Também António Alcântara Machado, como explica Marcia Arruda Franco, sobretudo em seu livro de viagens *Pathé-Baby*, o qual mostraria como um filme o que o escritor modernista vê, acaba por apresentar o Rio de Janeiro em rivalidade com São Paulo e Lisboa por seu cheiro a passado e a degradação. Por fim, Tamy de Macedo Pimenta, ao comparar os trabalhos poéticos contemporâneos de Carlito de Azevedo e de Manuel de Freitas, chama atenção para o olhar alegórico de ambos, ao contemplarem ruínas nos fragmentos observados das paisagens urbanas em que habitam e, na circunstância dessa constatação, surpreendem ainda alguma beleza.

Na abertura do livro, Maria Luiza Berwanger da Silva, que integra o Grupo de Pesquisa Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa – Universidade Federal Fluminense (UFF) / Universidade Federal do Maranhão (UFMA) / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenado por Ida Alves e Márcia Manir Miguel Feitosa, presta homenagem a Jean-Pierre Richard, falecido em 2019, e que, nas palavras de Michel Collot, nome tão referencial nos estudos de literatura e paisagem, ensinou-nos “a ler e a ver em toda página uma paisagem”;⁵

AGRADECEMOS À FAPERJ – CIENTISTA DO NOSSO ESTADO o apoio necessário para a edição da série de três livros *Paisagens em movimento: Rio de Janeiro e Lisboa, cidades literárias*. Também agradecemos ao Real Gabinete Português de Leitura o apoio técnico permanente e a todos os colegas da equipe fixa e demais pesquisadores colaboradores do projeto Páginas Paisagem Luso-Brasileiras em Movimento, que vêm contribuindo para seu desenvolvimento e ampliação ao longo destes quatro anos de existência.

Esperamos que este primeiro volume concorra para ampliar tal campo de pesquisa entre nós, para o diálogo interdisciplinar profícuo e para a continuidade de estudos que demonstram o interesse temático e a produtividade do pensamento paisagístico em torno das cidades do Rio de Janeiro e de Lisboa, recriadas e percorridas por tantos textos literários.

Primavera de 2020

OS ORGANIZADORES

5 É recorrente nas diversas obras de Michel Collot sobre paisagem a referência a seu mestre Jean-Pierre Richard, autor de uma obra fundamental nessa linha de estudos: *Pages paysages: microlectures II* (Paris: Seuil, 1984).